

# ARTEFATOS VISUAIS EM MANIFESTAÇÕES POLÍTICAS: UM ENSAIO SOBRE MUTAÇÕES NOS MODOS DE SUBJETIVAÇÃO E AÇÃO POLÍTICA ENTRE 2013 E 2018

DOI

[dx.doi.org/10.11606/issn.2525-3123.gis.2020.163846](https://dx.doi.org/10.11606/issn.2525-3123.gis.2020.163846)

ORCID

[orcid.org/0000-0001-8545-1975](https://orcid.org/0000-0001-8545-1975)

**HENRIQUE Z. M. PARRA**

Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, SP, Brasil, 07252-312  
poscienciassociais@unifesp.br





FIGURA 1  
[São Paulo,  
2013]. Fonte:  
[Henrique Parra].

Este ensaio explora certa configuração estético-política presente na fotografia de uma manifestação do dia 20 de junho de 2013, na Avenida Paulista, em São Paulo (Figura 1).

Do lado esquerdo da fotografia há grupos de pessoas carregando grandes faixas e bandeiras vermelhas (algumas brancas e amarelas). A imagem é dividida ao meio pelo canteiro da avenida, sobre o qual algumas pessoas se acumulam observando e registrando a cena. No lado direito da imagem temos muitas pessoas jovens carregando individualmente cartazes com mensagens escritas à mão.

Essa imagem anuncia uma *partilha do sensível* (Rancière 2005) em movimento. Ela dialoga com transformações ocorridas nos anos que se seguiram e dispara inúmeras perguntas sobre uma nova geometria das formas de representação política e sobre as mutações nos modos de subjetivação, indicando disputas sobre as composições e distribuições instituídas nos modos de ação política contemporâneos.

A partir dessa fotografia, decidi vasculhar meu arquivo de fotos de manifestações pós-2013 (2013-2018) observando como os registros imagéticos desses eventos apresentam e reverberam aquela constelação presente na fotografia da Avenida Paulista (Figura 1).

Naquele 20 de junho aconteceram manifestações multitudinárias em São Paulo e em outras cidades do Brasil. Era a marcha de comemoração pela derrubada do aumento das passagens do transporte público. Ao mesmo tempo, os protestos daquele dia anunciavam um ponto de inflexão nas chamadas Jornadas de Junho de 2013, quando novos atores

entraram em cena e os rumos da energia política colocada nas ruas ficou sob novas disputas.<sup>1</sup>

As imagens do ensaio documentam algumas expressões visuais que talvez sirvam de pistas para a interpretação dos processos em curso.

O que podemos dizer das faixas, bandeiras e cartazes? O que sua aparição pode indicar? Como elas distribuem a presença das pessoas e organizações e configuram regimes de visibilidade e legibilidade sobre causas, forças, instituições e subjetividades no espaço de uma manifestação?

Existem faixas que delimitam blocos, marcam incícios e fronteiras. As “frentes” de ato, os agrupamentos no meio do fluxo, por exemplo, são formas de produção de topografias estratégicas na planeidade das ruas, formas de inscrição dos corpos da multidão em performances específicas.

A poética das faixas, bandeiras e cartazes é portadora de indícios. São faixas pintadas por máquinas? São feitas de tecidos ou materiais plásticos? Os textos foram escritos à mão ou são produções em série de cartazes idênticos? Quais e quantos recursos são necessários para se confeccionar uma faixa ou cartaz? Quantas pessoas são necessárias para transportar cada um desses artefatos?

Cada tecnologia de comunicação visual pode indicar um diagrama sociopolítico, organizacional e econômico que lhe dá existência, expressando e inspirando diferentes modos de subjetivação e de representação política.

A presença de cartazes feitos à mão ou de faixas de organizações em manifestações não é novidade. Mas é no contraste de sua presença e distribuição na experiência visual ao longo do tempo que podemos perceber mutações antes imperceptíveis.

A proliferação de formas discursivas e de reivindicações sobre problemas vividos pode ser contrastada com formas que concentram e dão unidade ao protesto. Humor, ironia, raiva e declarações objetivas compõem um repertório diverso de formas expressivas e manifestam alternativamente diferentes concepções sobre os modos de agir político.

Há também uma mutação profunda na experiência de intervenção no debate público. Seja nas ruas ou nas redes sociais digitais, acompanhamos na última década transformações nos limiares de participação e engajamento no debate político. O que é preciso e quais recursos são necessários para que eu possa expressar a minha opinião?

1. Noutros trabalhos analisamos as tensões políticas e sociais das Jornadas de Junho (Parra 2013, Moraes et al 2014).

Essas transformações relacionam-se também à maneira como a vida é experienciada através das instituições sociais existentes. A forma como os governos, partidos políticos, movimentos sociais, associações e coletividades são percebidos enquanto espaços de representação e pertencimento foi modificada. As tecnologias de comunicação e os meios de enunciação e intermediação já não são os mesmos. Os modos de expressar o “nós” e o “eu” são outros.

Corpos-cartazes, coletivos-faixas, máquinas-gráficas-organizações, manuscritos-singulares, bandeiras-estandarte-agremiações são exemplos dessa proliferação imagética que podem nos ajudar a interpretar e imaginar as mutações no regime de sensibilidade, nos modos de subjetivação e de ação política que estamos atravessando.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Moraes, Alana, Bernardo Gutiérrez, Henrique Parra, Hugo Albuquerque, Jean Tible e Salvador Schavelzon, orgs. 2014. *Junho: potência das ruas e das redes*. São Paulo: Friedrich Ebert Stiftung. Disponível em: <<https://bit.ly/306Kf16>>. Acesso em: 3 jun. 2020.

Parra, Henrique Z. M. 2013. Jornadas de Junho: uma sociologia dos rastros para multiplicar a resistência. *Pensata*, vol. 3, no. 1: 141-150. Disponível em: <<https://bit.ly/3eKn0xK>>. Acesso em: 3 jun. 2020.

Rancière, Jacques. 2005. *A partilha do sensível: estética e política*. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34.

#### RESUMO

Este ensaio explora certa configuração estético-política presente na fotografia de uma manifestação do dia 20 de junho de 2013, na Avenida Paulista, em São Paulo. Essa imagem anuncia uma *partilha do sensível* (nos termos de Rancière) em movimento, que será explorada num conjunto de fotografias de manifestações de rua de 2013 e 2018. Essas imagens disparam inúmeras perguntas sobre uma nova geometria das formas de representação política e sobre as mutações nos modos de subjetivação, indicando disputas sobre as composições e distribuições instituídas nos modos de ação política contemporâneos.

#### ABSTRACT


This essay explores a certain aesthetic-political configuration in a photograph of a street rally on June 20, 2013, at Paulista avenue, São Paulo. This image heralds a distribution of the sensible (Rancière, 2005) in movement, that will be explored through a collection of photographs of street protests from 2013 to 2018. Those images trigger countless questions about a new geometry in the forms of political representation, and about the changes in the modes of subjectivation, indicating disputes over the compositions and distributions instituted in the forms of contemporary political action.

#### PALAVRAS-CHAVE

Fotografia;  
subjetivação;  
artefatos visuais;  
movimentos  
sociais; ativismo.

#### KEYWORDS

Photography;  
subjectivation;  
visual artifacts;  
social movements;  
activism.



**HENRIQUE Z. M. PARRA** é Professor Associado do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp); coordenador do Laboratório de Tecnologia, Política e Conhecimento (Pimentalab); pesquisador da Rede Latino-Americana de Estudos em Tecnologia, Vigilância e Sociedade (Lavits) e do Coletivo Tramadora. E-mail: henrique.parra@unifesp.br

**Licença de uso.** Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Recebido em: 05/11/2019

Aprovado em: 09/01/2020









